



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A VOZ QUE ECOA: A RESILIÊNCIA FEMININA E A METÁFORA DO POTEAU-MITAN EM A ILHA DA CHUVA E DO VENTO, DE SIMONE SCHWARZ-BART

THE VOICE THAT ECHOES: THE RESILIENCE OF WOMEN AND THE POTEAU-MITAN METAPHOR IN A ILHA DA CHUVA E DO VENTO, OF SIMONE SCHWARZ-BART

Marina Brito de Mello¹

Resumo:

A partir do romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, de Simone Schwarz-Bart, publicado em 1972 e traduzido por Estela dos Santos Abreu como *A ilha da chuva e do vento* no ano de 1986, pretende-se refletir sobre a reconstituição identitária feminina ao reverenciar a solidez e a resiliência protagonizada pela família Lougandor. Para tanto, a imagem metafórica do *poteau-mitan* as vozes matrifocais inseridas no discurso narrativo serão analisadas como bases necessárias à reconfiguração da memorialística social. A voz que ecoa empodera e humaniza ao reconstruir a historiografia negra silenciada pela cultura eurocêntrica. A simbologia da “mulher-coragem” (GRACCHUS, 1986), vista como elemento motor e porta-voz no âmbito social, e a representação da “mãe negra superforte” (COLLINS, 2019) serão abordadas de acordo com o papel da mulher inserida no seio familiar, bem como no centro das relações humanas reconfiguradas historicamente. Outra perspectiva a ser analisada será a representação da contadora de histórias inserida na narrativa schwarz-bartiana. Nesse sentido, *A ilha da chuva e do vento* enaltece a resistência presente na vida das personagens schwarz-bartianas: apesar das chuvas e dos ventos, a potência feminina sobrevive e permanece firme em sua verticalidade ao resplandecer com orgulho e protagonismo.

Palavras-chave: *A ilha da chuva e do vento*. Simone Schwarz-Bart. Matrifocalidade. *Poteau-mitan*. Resiliência feminina.

Abstract:

From the novel *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, of Simone Schwarz-Bart, published in 1972 and translated by Estela dos Santos Abreu as *A ilha da chuva e do vento* in 1986, intended to reflect on the female identity reconstitution while reverential solidity and resilience led by the Lougandor family. To do so, the metaphorical image of the *poteau-mitan* and the matrifocal voices inserted in the narrative discourse will be analyzed as necessary bases for the reconfiguration of social memorialism. The voice that echoes empowers and humanizes by reconstructing black historiography silenced by Eurocentric culture. The symbology of "woman-courage" (GRACCHUS, 1986), seen as a motor element, and spokesperson in the social sphere and the representation of the "the superstrong black mother" (COLLINS, 2019) will be addressed according to the role of women inserted in the family, as well as at the heart of historically reconfigured human relations. Another perspective to be analyzed will be the representation of the storyteller inserted in the narrative *schwarz-bartiana*. In this sense, *A ilha da chuva e do vento* enhances the resistance present in the lives of the characters *schwarz-*

¹ Mestranda no. Programa de Pós Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. E-mail: marinabmello16@gmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

bartianos: despite the rains and winds, the female power survives and remains firm in its verticality to shine with pride and protagonism.

Key words: *A ilha da chuva e do vento*. Simone Schwarz-Bart. Matrifocality. *Poteau-mitan*. Women's resilience.

1. A ilha da chuva e do vento por Simone Schwarz-Bart

A atual análise aborda a questão da matrifocalidade e da resiliência feminina presente na obra *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, de Simone Schwarz-Bart. Publicado no ano de 1972, o romance recebe, em 1986, a tradução de Estela dos Santos Abreu sob o título de *A ilha da chuva e do vento*. A narrativa schwarz-bartiana é contemplada pela revista francesa *Elle* logo após sua publicação. Para além do prêmio concedido à obra *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, a romancista recebe o título de Embaixadora da Ordem das Artes e das Letras no ano de 2006 e o prêmio *Littérature Monde* em 2015.

Nascida no ano de 1938 no vilarejo de Petit-Bourg, em Guadalupe, Simone Schwartz-Bart inicia seus estudos na cidade de Pointe-à-Pitree amplia seu conhecimento de mundo nas regiões parisienses e no território africano de Dakar. Filha de mãe professora e pai militar, a escritora inaugura sua carreira junto a seu companheiro André Schwarz-Bart a partir do romance *Un plat de porc aux bananes vertes* publicado em 1967. O romance escrito a quatro mãos narra a história da personagem martinicana Mariotte exilada em um hospital psiquiátrico em Paris, onde rememora sua história².

Autora de diversas obras que reconfiguram a identidade antilhana, como *Ti Jean l'horizon*, publicada em 1979³, Schwarz-Bart reverencia a heterogeneidade da cultura e do imaginário caribenho a partir de provérbios, lendas e canções. Além de representar a tradição plural presente no solo guadalupense, Schwarz-Bart permite o desenrolar do fio temporal ao costurar em suas narrativas uma nova tessitura. As obras schwarz-bartianas testemunham a condição da vida antilhana, a resiliência caribenha, a experiência vanguardista da criouldade e a voz responsável por ecoar a história de suas personagens:

A produção romanesca antilhana (...) de Simone Schwarz-Bart promove um imaginário original baseado num substrato de crenças tradicionais de obras orais

² Importante recordar as publicações escritas junto a seu companheiro André Schwarz-Bart, autor do célebre romance *Le dernier des justes*. Juntos escreveram a quatro mãos as seguintes obras: *Un plat de porc aux bananes vertes*, no ano de 1967; *Hommage à La femme noire*, publicada em 1989; *L'ancêtreensolitude*, em 2015 e *Adieu Bogota*, em 2017.

³ A bibliografia da autora nascida em Charente no ano de 1938 é composta por inúmeras obras que reverenciam a heterogeneidade da cultura antilhana ao reconfigurar o imaginário caribenho a partir de provérbios, "titim", anedotas e canções. São elas: *Ti Jean l'horizon*, considerada como uma brilhante epopeia antilhana publicada no ano de 1979 e traduzida por Eurídice Figueiredo em 1988 como *Joãozinho no Além*; *Ton beaucapitaine*, peça teatral de 1987; a novela *Au fond des casseroles* escrita no ano de 1989; e *Nous n'avons pas vu passer les jours*, romance memorial datado em 2019.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

coletivas ou obras escritas sobre motivações de uma visão de mundo própria à escritora (MBAYE, 1985, p. 28)⁴

O romance *A ilha da chuva e do vento* narra a vida de Télumée cuja resiliência se exprime através da afirmação de sua voz e de seu protagonismo. A partir das reflexões feitas pela personagem do romance, a história da família Lougandor é apresentada aos leitores e a saga das quatro gerações de mulheres antilhanas é perpetuada pela memória téluméeana:

[N]ós, os Lougandor, não somos galos de raça, somos galos de briga, de rinha. Conhecemos a arena, a multidão, a luta, a morte. Conhecemos a vitória e os olhos vazados. Tudo isso nunca nos impediu de viver, não contamos com a felicidade nem com a desventura para existir, somos parecidos com as folhas do tamarindo que se fecham de noite e se abrem de dia (SCHWARZ-BART, 1986, p. 114).

Considerada pelo intelectual guadalupense Patrick Chamoiseau como inesgotável e insondável, a obra schwarz-bartiana apresenta aos leitores a experiência antilhana vivida por uma protagonista negra que exalta a magnitude da região caribenha ao descobrir a cultura e as tradições locais. O esplendor antilhano determina com louvor a identidade e a diversidade de costumes vivenciados pelos homens e mulheres de grande coração; são eles que exaltam as belas paisagens repletas de beijos, batata-doce e jacarandás. Observa-se o orgulho da personagem Télumée ligado à consciência de seu pertencimento a uma terra que, a despeito de sua exiguidade e de sua precariedade econômica, pode ser vista como imensa. É o olhar da afetividade que confere ao arquipélago tal dimensão: “A terra depende quase sempre do coração do homem: é minúscula se o coração for pequeno, é imensa se o coração for grande” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 09); e ainda: “Se pudesse escolher, seria aqui mesmona Guadalupe que eu gostaria de nascer, sofrer e morrer” (SCHWARZ-BART, 1986, p.09).

2. A voz que ecoa: matrifocalidade, resiliência e protagonismo feminino em *A ilha da chuva e do vento*

Para além da relação entre a protagonista Télumée e o solo antilhano, o romance *A ilha da chuva e do vento* explora a questão matrifocal e o elemento mítico como pilares centrais ao longo da narrativa. A primeira parte do romance (“Apresentação dos Meus”, p. 07) revela aos leitores a história primeira, o desenrolar do novelo Lougandor a partir da ex-escrava Minerve, “mulher de sorte” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 10), que já demonstrava sua resiliência diante das chuvas e ventos:

⁴ Tradução própria. Texto original: “Dans la production romanesque antillaise (...) de Simone Schwarz-Bart promet un imaginaire original, appuyé sur un substrat de croyances traditionnelles, d’oeuvres orales collectives ou d’oeuvres écrites, et sur des motivations et une vision du monde propre à l’écrivain” (MBAYE, Fanta Toureh. Simone Schwarz-Bart écrivaine guadeloupéenne. Québec français, n 59, outubro 1985, p. 28-30).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

“[Minerve] gostava de dizer que nada nem ninguém conseguiria puir a alma que Deus lhe havia escolhido e colocado no corpo” (SCHWARZ-BART, 1986, p.11).

Adiante, o leitor é apresentado à negra Toussine, “(...) delicada como o amanhecer em dia claro” (SCHWARZ-BART, 1972, p. 10). Como sua mãe, reafirma a verticalidade resistente aos abalos, admirada por todos que compartilham a região da Abandonnée. Caracterizada como uma helicônia rubra, a jovem Toussine encontra nos braços de Jérémie o início da vida adulta. Mesmo com seu jardim florido, a filha de Minerve é atingida pela flecha da infelicidade oriunda da perda de uma de suas filhas, o que causa dor e reclusão para a mulher. Contudo, ao passar dos anos, é possível vê-la reerguer-se ao dar suporte à família. À frente de sua emancipação, o povo da Abandonnée decide nomeá-la como Rainha-Sem-Nome: verdadeiro pilar matrifocal.

No tempo de tuas sedas e jóias, nós te chamávamos Rainha Toussine. Não estávamos enganados porque és uma verdadeira rainha (...). Procuramos um nome de rainha que te conviesse mas não achamos. De fato, não há nome para ti. Assim, doravante, nós te chamaremos de Rainha-Sem-Nome (SCHWARZ-BART, 1976, p. 28).

Na diegese, Victoire, terceira geração da família Lougandor, gera em seu ventre filhas que se diferenciam a partir de seus valores e aprendizados. Diante da escolha materna, Télumée e Regina são duas figuras opostas; a primeira permanece sob os cuidados da avó Toussine, já a segunda valoriza os hábitos franceses moldados pela cultura colonizadora.

Importante ressaltar a personagem que conduz o romance: Télumée, que, apesar das desventuras, enfrenta as adversidades do caminho que lhe fora traçado, como a ameaça de estupro feita pelo Senhor Desaragne, a traição de seu marido Élie, a morte de seu companheiro Amboise, o abandono da filha adotiva Sonore e o estigma da mulher vista socialmente como sexo frágil. O próprio nome Milagre é destinado à neta de Rainha-Sem-Nome para caracterizá-la como a mulher que superou as chuvas e os ventos com dignidade e protagonismo: “Sol alto, sol posto, os dias escorrem, e a areia que a brisa soergue há de encalhar a minha barca, mas vou morrer aqui, como estou, de pé, no meu quintal, que alegria!...” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 235).

Segundo o acadêmico Raymond Thomas Smith, a matrifocalidade caracteriza a família na qual a mãe ocupa uma posição central no seio familiar. De acordo com as ciências humanas, o termo proposto faz referência à família cuja figura paterna está em segundo plano ou mesmo ausente. Nesse sentido, a mãe-avó-madrinha ocupa o espaço lacunar ao ser responsável pela situação socioeconômica do lar. Vista como um ser excepcional, o pilar matrifocal afirma sua coragem e força frente às adversidades.

O conceito de matrifocalidade designa um certo tipo de organização familiar que prevalece no Caribe e nas Américas negras. Ela se define, sobretudo, pelo lugar central ocupado pela mãe no seu lar e pela ausência do pai. Esta posição central e



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

determinante da mãe compensa a deficiência paterna. É, então, a ausência do pai que força a mulher a ocupar esta posição matrifocal (HUGO, ROLAND, s/d, s/p).⁵

A obra teórica *Les lieux de La mère dans les sociétés afro-américaines*, de Fritz Gracchus, analisa a simbologia da “mulher-coragem” cujo termo pode ser observado de acordo com a representatividade protagonizada pela figura materna vista como elemento motor e porta-voz no seio familiar. O psiquiatra aborda o tema a partir da ausência da figura paterna: “[a] matrifocalidade é a posição central da mãe (focal) e a marginalidade/ausência do pai” (GRACCHUS, 1986, p. 115)⁶. Ao redor da “mulher-coragem” gravitam seus familiares descendentes da pátria-mãe africana que herdam o direito de rememorar o passado heterogêneo:

Se a matrifocalidade encontrou uma operacionalidade no campo das ciências sociais, é porque o conceito permite uma descodificação do social a partir da noção de ausência. Se a vida gira ao redor da mãe, é devido ao fato de o pai estar ausente. Esse é um discurso que (...) pertence à problemática do olhar – do visto e o do não visto (...). Mas como a matrifocalidade não é um matriarcado, nós podemos dizer que ela detém a palavra do pai ausente (GRACCHUS, 1986, p. 116-117).⁷

A família matrifocal, presente nas Antilhas, como também nos Estados Unidos, Jamaica e Haiti, foi gerada no âmbito das plantações coloniais, onde a economia familiar dependia da mulher-escrava como objeto reprodutor. Seguindo os parâmetros do Código Negro, elaborado por Colbert em 1685, a ligação entre mãe e filho foi posta em evidência, enquanto a figura paterna foi minimizada.

Artigo 12: as crianças que nascerem do casamento entre escravos serão escravas e pertencerão aos donos das mulheres escravas e não a seus maridos, se o marido e a mulher tiverem senhores diferentes (LE CODE NOIR, 1685, p.5).

Segundo Patricia Hill Collins, “(...) o conceito de maternidade é central nas filosofias dos afrodescendentes” (COLLINS, 2019, p. 292). Nessa perspectiva, diversos teóricos afro-americanos

⁵ Tradução própria. Texto original: “Le concept de matrifocalité désigne un certain type d’organisation familiale que prévaut dans la Caraïbe et dans les Amériques noires. Elle se définit notamment par la place centrale qu’occupe la mère au foyer et l’absence du père. Cette position centrale et déterminante de la mère supplée la défaillance paternelle. C’est donc l’absence du père qui contraint la femme à occuper cette position matrifocale” (Hugo, Roland. *Matriarcato antillais: la famille matrifocale, sans père ni mari, où les grand-mères sont cheffes. Le mouvement matricien*. Disponível em: [https://matricien.wordpress.com/geo-hist-matriarcato/amerique-sud/antilles/]. Acesso em 10 de agosto de 2019).

⁶ Tradução própria. Texto original: “La matrifocalité c’est la position centrale de la mère (focal), et la marginalité/absence du père” (GRACCHUS, Fritz. *Les lieux de la mère dans les sociétés afro-américaines*. Paris: Éditions Caribéennes, 1986, p. 115).

⁷ Tradução própria. Texto original: “Si la matrifocalité a trouvé une opérativité dans les champs des sciences sociales, c’est que ce concept permet un déchiffrement du social à partir de la notion de « manque ». Si la vie tourne autour de la mère, c’est parce que le père vient à manquer. C’est un discours qui (...) appartient à une problématique de l’oeil, du regard – le vu et le non vu (...). Mais comme la matrifocalité n’est pas un matriarcato, on nous dira qu’elle tient la parole du père absent” (GRACCHUS, Fritz. *Les lieux de la mère dans les sociétés afro-américaines*. Paris: Éditions Caribéennes, 1986, p. 116-117).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

glorificam a maternidade negra ao evocar a imagem da “mãe negra superforte” como um “elogio à resiliência das mulheres negras em uma sociedade que frequentemente as retrata como mães ruins” (COLLINS, 2019, p. 293). Apesar das tensões existentes acerca da “mãe negra superforte”, Collins afirma:

[A] maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra (COLLINS, 2019, p. 296).

A pesquisadora Kathleen Gyssels define a matrifocalidade como ponto central presente no romance schwarz-bartiano. Segundo ela, *A ilha da chuva do vento* toma como base a relação entre Rainha-Sem-Nome e sua neta Télumée. A avó, associada metaforicamente à mulher *poteau-mitan*, é considerada como a “mulher-coragem” ao ser admirada pela própria neta e por todos que habitam as regiões guadalupenses.

A avó [Toussine/Rainha-Sem-Nome] é uma meia deusa que transforma a vida em arte através de sua fala enfeitiçante. Rodeada de respeito, porque assegura a continuidade familiar e a coerência cultural do grupo, ela é “fonte de vida” e “fonte da palavra” (...) indispensáveis à plenitude identitária, ao orgulho racial, à fidelidade às origens (GYSSELS, 1996, p.6).⁸

O pilar matrifocal pode ser associado à metáfora da mulher *poteau-mitan* na qual, através da imagem ritualística, a autora permite a alusão ao feminino caribenho responsável pela sustentabilidade e preservação memorial. O termo representa o pilar central presente nos templos vodou. Caracterizado como um poste que centraliza o teto em torno de si mesmo, a metáfora se refere à “mulher coragem” que suporta as adversidades, chuvas e ventos que atingem o seu entorno familiar. A mãe-avó-madrinha recebe a alcunha de *poteau-mitan* pelo fato de ser considerada como um ser mítico, para além das expectativas sociais. É a mulher que cultiva a terra vindoura ao nutrir e proteger seus filhos.

Quando eu era pequena, minha mãe Victoire sempre me falava de minha avó, a negra Toussine [Rainha-Sem-Nome]. Falava com fervor e admiração, e, iluminando-se com tal lembrança, afirmava que Toussine era a mulher que ajudava qualquer um a não baixar a cabeça diante da vida, e raros são os que possuem esse dom. Minha mãe a venerava tanto que acabei por considerar a avó Toussine um ser mítico, morando

⁸ Tradução própria. Texto original: “L’âieule est une demi-déesse qui transforme la vie en art par son langage ensorceleur. Entourée de respect parce qu’elle assure la continuité familiale et la cohérence culturelle du groupe, elle est « source de vie » et « source du mot » (...), indispensables à la plénitude identitaire, à la fierté raciale, à la fidélité aux origines” (GYSSELS, Kathleen. *Filles de Solitude*, Paris: Éditions L’Harmattan, 1996, p.6).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

para lá do mundo e, embora ainda viva, era para mim uma espécie de lenda (SCHWARZ-BART, SIMONE, 1976, p. 9).

Nesse sentido, Rainha-Sem-Nome é revestida pela sabedoria ao tecer o fio familiar que será herdado pela neta. A partir dos ensinamentos da avó, Télumée segue seu caminho de forma resiliente e refuta o destino previsto pela história oficial.

E eu via delinear-se no escuro o sorriso de Rainha-Sem-Nome, o cavalo não deve conduzir-te, minha filha, tu é que deves conduzir o cavalo, e aquele sorriso me dava ânimo e eu fazia minhas tarefas cantando e, quando cantava eu cortava a minha mágoa, retalhava a minha mágoa, e a minha mágoa escoava na canção, e eu conduzia o meu cavalo (SCHWARZ-BART, 1986, p. 87).

A menina-mulher encontra nas palavras de Rainha-Sem-Nome a força motriz para erguer a cabeça frente aos desafios pungentes inseridos na sociedade antilhana. A afirmação da voz téluméana recebe a benção da avó para enfim conduzir sua própria história.

[Rainha-Sem-Nome] se inclinava para mim, acarinhava meus cabelos e fazia-lhes um elogio, embora soubesse que eram mais curtos e torcidos do que o desejável. E eu sempre gostava de ouvir os elogios dela e, se eu suspirasse junto ao seu ventre, ela me erguia o queixo afundava o olhar no meu e cochichava com ar de espanto: - Télumée, minha taça de cristal, o que será que tens nesse corpo tão vivo...para fazer bailar assim um coração de preta velha?... (SCHWARZ-BART, 1986, p. 48).

Para além da sustentação, o pilar matrifocal recebe também a importante atuação frente ao resgate histórico da vida de seus ancestrais. O monumental passado africano e caribenho rompe as fronteiras da historiografia eurocêntrica através das vozes matrifocais imprescindíveis para a reconstituição memorialística.

O reconhecimento da cultura oral antilhana é representado pela contadora de histórias presente no romanceschwarz-bartiano. Rainha-Sem-Nome assume sua voz e faz ecoar toda beleza e resiliência guadalupense. A avó de Télumée evoca, por meio de suas narrativas orais, a tradição da *griotte* africana, símbolo de resistência e protagonismo negro ao restaurar a historiografia oficial.

Ela [Rainha-Sem-Nome] sentia suas palavras, suas frases, possuía a arte de arrumá-las em imagens e sons, em música pura, em vibração. Sabia falar, gostava de falar para seus dois filhos, Élie e eu... uma palavra pode impedir que um homem desmorone, assim falava ela. As histórias estavam arrançadas nela como páginas de um livro, ela nos contava cinco cada quinta-feira (...) (SCHWARZ-BART, 1986, p. 71).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

As palavras *griot* ou *griotte*⁹ representam o(a) negro(a) africano(a) com vocação para expor oralmente a seu povo os contos, mitos, tradições e cantos deixados como herança pelos ancestrais do continente. Ao serem desenraizados de suas terras, o homem *griot* e a mulher *griotte* são reconfigurados em sua pluralidade ao receberem o nome de contador(a) de histórias na região antilhana. O princípio permanece o mesmo: a atuação por meio da palavra e a restauração da memória agora heterogênea. Por isso, é preciso reafirmar o papel fundamental dos contadores que resgatam e rememoram por procuração um tempo de outrora, tempo esse liberto dos vestígios coloniais. A riqueza dos hábitos e costumes africanos herdados pelos filhos, netos e bisnetos daqueles que foram enclausurados no navio negreiro são indícios da releitura de uma narrativa imprescindível para o homem negro, para a França pós-colonialista e para o Ocidente.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

Os mitos lembrados oralmente pelas *griottes*, isto é, pelas contadoras de histórias presentes na obra, são de suma importância para a nova perspectiva identitária. Histórias como a de Iaiá, Rosinha Congo ou a figura martinicana da Guiablesse são rememoradas a partir das vozes de Télumée e Rainha-Sem-Nome.

Havia Iaiá, Rosinha Congo, Agulu, Tristeza Sem Fim e tantas outras maravilhas dos bons tempos, tanta coisa bonita, esquecida, que não desvanece mais os ouvidos dos vivos. Ela conhecia também velhos cantos de escravos e eu me perguntava por que, ao murmurá-los, vovó mexia ainda com mais ternura nos meus cabelos, como se os dedos se derretessem de piedade. Quando cantava as músicas comuns, a voz de Rainha Sem-Nome parecia-se com o seu rosto, no qual apenas as faces formavam duas manchas de luz. Mas, para os cantos de escravos, a voz fina logo se destacava dos seus traços de velha e subia bem alto no agudo, no largo e no profundo (...). (SCHWARZ-BART, 1986, p. 47-48).

A figura matrifocal e a contadora de histórias muito contribuem para a reconstituição das tradições antilhanas, bem como para a resistência frente aos *békés* descendentes dos brancos colonizadores proprietários de plantações. O exemplo real de Mulata Solidão representa e resgata a memória escravista de sua origem. Nascida em 1772, foi gerada no ventre de uma escrava nos porões do navio negreiro a partir das violações sofridas pelos maus tratos dos comerciantes e marinheiros que ali estavam. Depois de aportar na Guadalupe, a sobrevida começa a preencher o espaço vazio na vida de Solidão, onde consequentemente lhe é descoberto o contato com a violência, o descaso e a miséria direcionadas a seu povo. Une-se ao revolucionário Louis Delgrès e juntos combatem as

⁹ A versão masculina do *griot* parece ser mais recorrente no continente africano. Tal como o narrador estudado pelo filósofo Walter Benjamin, o *griot* é, em geral, associado à sabedoria ligada à acumulação de experiências.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

agressões e a permanência da escravatura consentida pelo imperador Napoleão Bonaparte. A partir do lema “viver livre ou morrer”, é travada a conhecida batalha do dia 08 de maio de 1802 contra os tratamentos franceses. Grávida, foi condenada à morte e executada um dia depois de seu parto: verdadeira *poteau-mitan* ao lutar contra a opressão e sustentar seu destino e sua memória. A importante história da Mulata Solidão será lembrada pela obra ficcional escrita por André Schwarz-Bart sob o título de *La Mulâtresse Solitude*, publicada no ano de 1972.

Para complementar, é primordial incluir os traços e valores das inúmeras raízes que contribuíram para uma nova visão de mundo. Nessa linha, propõe-se ampliar o conhecimento histórico e memorialístico para, enfim, compreendermos o lugar de fala de cada cidadão. Como nos disse a autora Conceição Evaristo em uma entrevista concedida ao programa televisivo *Estação Plural* no ano de 2017: “Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos”.

3. Considerações finais

À guisa de conclusão, o romance *A ilha da chuva e do vento* explora o universo antilhano presente nas vozes femininas de suas personagens. O fio narrativo conduzido pela menina-mulher Télumée Milagre afirma o protagonismo presente no seio da família Lougandor representado pela figura matrifocal. Outro ponto a ser explorado na obra é o lugar de *porte-parole* atribuído à Rainha-Sem-Nome: a perpetuação da história plural é reconhecida como unidade fundamental para tessitura antilhana.

A homenagem destinada à capacidade de resistência feminina rememora o passado ancestral e afirma o lugar central da “mulher coragem”. A menina que se torna mulher ao lado de sua avó, confirma seu próprio destino ao fazer ecoar sua voz afirmando sua potência feminina:

Vítima vitoriosa, no fim das contas, porque ela soube aceitar a vida e, por uma alquimia secreta, transfigurar as falhas, as angústias e os sofrimentos. Télumée, detentora de todas essas virtudes da dinastia Lougandor, é um símbolo. Através dela, inscreve-se um hino à mulher, à sua força, à sua riqueza (CONDÉ, 1979, p. 36).¹⁰

O orgulho de ser mulherão afirmar sua identidade negra, faz com que Télumée perpetue sua voz e firme sua verticalidade como uma cana-roxa diante das tormentas. O romance *A ilha da chuva e o vento* firma as raízes da família Lougandor e faz ecoar todo potencial matrifocal de Rainha-Sem-Nome, bem como seu lugar de porta-voz eternizado pela neta Télumée Milagre. Os rastros deixados ao longo do caminho permitem a reconstituição da história outrora silenciada. A voz que ecoa firma a identidade dos filhos e filhas de grande coração.

¹⁰ Tradução própria. Texto original: “Victime victorieuse em fin de compte, car elle a su accepter la vie et par une secrète alchimie transfigurer les échecs, les angoisses et les souffrances. Télumée, dépositaire de toutes les vertus de la dinastie Lougandor, est un symbole. A travers elle, s’inscrit un hymne à la femme, à sa force, à sa richesse” (CONDÉ, 1979, p. 36)



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197- 221.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick ; CONFIANT, Raphaël. **Éloge de la créolité**. Paris: Gallimard, 1993.

CODE NOIR. Disponível em [<https://www.assemblee-nationale.fr/histoire/esclavage/code-noir.pdf>]. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONDÉ, Maryse. **La parole des femmes : essai sur les romancières aux Antillesde langue française**. Paris : L'Harmattan, 1979.

FRANCE, Alibar ; LEMBEYE-BOY, Pierrette. **Le couteau seul... Sé Kouto sèl... . La condition féminine aux Antilles**. Volume 1 : Enfance et Adolescence. Éditions Caribéennes, 1981.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. **Mémoires des esclavages**. Paris : Gallimard / La Documentation française, 2007.

GRACCHUS, Fritz. **Les lieux de la mère dans les sociétés afro-américaines**. Paris : Éditions Caribéennes, 1986.

GYSSSELS, Kathleen. **Filles de Solitude**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

_____. **Le « poteau-mitan », du péristyle vaudou à la famille matrifocale**. Potomitan: site de promotion des cultures et de langues créoles. Disponível em [<https://www.potomitan.info/penteng/potomitan.php>]. Acesso em 01 de junho de 2020.

HERBECK, Mariah Devereux. **La Mère antillaise : Ouverture ou obstacle à la créolité?** Woman in French Studies, v. 17, p. 79-91, 2009.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Hugo, Roland. **Matriarcato antilhan: a família matrifocal, sem pai nem mãe, onde as avós são chefes.** O movimento matrifocal. Disponível em [\[https://matricien.wordpress.com/geo-hist-matriarcato/america-sul/antilhas/\]](https://matricien.wordpress.com/geo-hist-matriarcato/america-sul/antilhas/). Acesso em 10 de agosto de 2019.

LAMICHE. **Que quer dizer a expressão Potomitan?** Disponível em [\[http://blakes.fr/que-quer-dizer-a-expressao-poto-mitan/\]](http://blakes.fr/que-quer-dizer-a-expressao-poto-mitan/). Acesso em 10 de agosto de 2019.

LAUR, Christ. **Le « mauvas » pai antilhan-guianês:** Les origines du mal. Blake's. Disponível em [\[http://blakes.fr/le-mauvas-pere-antilhan-guianês-les-origines-du-mal/\]](http://blakes.fr/le-mauvas-pere-antilhan-guianês-les-origines-du-mal/). Acesso em 10 de agosto de 2019.

MBAYE, Fanta Toureh. **Simone Schwarz-Bart escritora guadelupense.** Québec français, n° 59, outubro 1985, p. 28-30.

OCASIOS- PALACIOS, Jameris. **La tempestade perfeita: Chuva e vento sobre Tulumée Miracle de Simone Schwarz-Bart.** University of Florida, 2019.

ROCHA, Vanessa Massoni da. **Vozes do feminino:** por uma poética do matriarcado em Simone Schwarz-Bart. Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte (Impresso), v. 7, 2016, p. 33-42.

SCHWARZ-BART, André. **La mulâtresse solitude.** Paris : Seuil, 1972.

SCHWARZ-BART, Simone. **Pluie et vento sobre Tulumée Miracle. Paris: Éditions du Seuil, 1972.**
_____. **A ilha da chuva e do vento.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Marco Zero, 1986.

SCHWARZ-BART, André e SCHWARZ-BART, Simone. Sur les pas de Fanotte. In: Toumson, Héliane e Toumson, Roger. **Textes et documents.** Paris: Editions Caribéennes, 1979.